

COMUNICAÇÃO-DECOLONIALIDADE: INSURGÊNCIAS EPISTÊMICAS, TEÓRICAS E PRÁTICAS

Erick Torrico Villanueva

■ Doutor em Comunicação (URJC, Madrid), mestre em Ciências Sociais (FLACSO, Bolívia) e Graduado em Comunicação (UCB, Bolívia). Ex-presidente da ALAIC. Diretor acadêmica da pós-graduação em Comunicação e Jornalismo da Universidade Andina Simón Bolívar (La Paz, Bolívia) e docente e pesquisador da área de Ciências da Comunicação da Universidade Mayor de San Andrés (La Paz, Bolívia).

■ *Doctor en Comunicación (URJC, Madrid), maestro en Ciencias Sociales (FLACSO, Bolivia) y Licenciado en Comunicación (UCB, Bolivia). Ex presidente de la ALAIC. Director académico del posgrado en Comunicación y Periodismo de la Universidad Andina Simón Bolívar (La Paz, Bolivia) y docente-investigador de la carrera de Ciencias de la Comunicación de la Universidad Mayor de San Andrés (La Paz, Bolivia).*

■ Email: etorrico@uasb.edu.bo

Verônica Maria Alves Lima

■ Jornalista e mestra em Comunicação Midiática Universidade Estadual Paulista, UNESP, Brasil). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (UFF, Brasil) e pesquisadora vinculada ao Programa de Certificação Doutoral em “Estudos do Sul Global” na Universidade de Tübingen (Alemanha).

■ *Periodista y máster en Comunicación Mediática (Universidade Estadual Paulista, UNESP, Brasil). Doctoranda del Programa de Posgrado en Comunicación de la Universidad Federal Fluminense (UFF-Brasil) e investigadora vinculada al Programa de Certificación Doctoral en “Estudios del Sur Global” en la University of Tübingen (Alemania).*

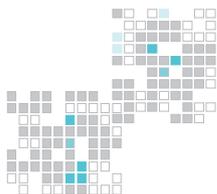
■ Email: veronicalima@id.uff.br

Hugo Ernesto Hernández Carrasco

■ Mestre em Ciência Política pela Universidade Popular Autônoma do Estado de Puebla (UPAEP, México) e Mestre em Defesa Nacional pela Escola de Defesa Nacional da Argentina. É membro-fundador do Instituto de Pesquisas Sociais na UPAEP. Escritor, jornalista, professor e pesquisador na Benemérita Universidade Autônoma de Puebla (México).

■ *Maestro en Ciencia Política por la Universidad Popular Autónoma del Estado de Puebla (UPAEP, México) y Maestro en Defensa Nacional por la Escuela de Defensa Nacional de Argentina. Es miembro fundador del Instituto de Investigaciones Sociales en la UPAEP. Escritor, periodista, docente e investigador en la Benemérita Universidad Autónoma de Puebla (México).*

■ Email: hugo.hernandezcar@correo.buap.mx



Este dossiê da *Revista Latinoamericana de Ciências da Comunicação* é dedicado ao tema “Comunicação-decolonialidade: insurgências epistêmicas, teóricas e práticas”.

Pensar a comunicação a partir da decolonialidade implica uma posição política, ética, histórica e situada, interessada nas perspectivas cognitivas e práticas daqueles que foram e são historicamente *in-comunicados* e que agora ativam a presença de suas vozes e conhecimentos, ou seja, retomam suas próprias existências e re-existências.

Nesse sentido, a crise do modelo civilizatório vigente, no qual persiste a ausência e/ou o silenciamento dos sujeitos subalternos, leva à necessidade de uma Comunicação pluriversal e democrática e, portanto, de um retorno urgente a uma Comunicação (re)humanizadora.

Assim, a crítica decolonial à constituição e aos padrões moderno-coloniais da sociedade ocidental fornece algumas chaves para renovar o olhar e examinar – a partir de outros horizontes epistêmico-políticos, teóricos e práticos – as abordagens comunicacionais predominantes, bem como para refletir sobre alternativas possíveis para produzir soluções.

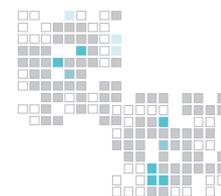
Nesse sentido, a abordagem decolonizadora sustenta uma concepção de comunicação aberta às insurgências e comprometida com a construção de um horizonte libertador, no qual a pluralidade de vozes, atores e ideias transborda as consequências e atualizações da matriz colonial na comunicação, caracterizada até hoje pelo silenciamento, subalternização, desumanização e dicotomias simplificadoras.

Os doze artigos reunidos neste dossiê analisam conceitos, histórias, experiências, modalidades e propostas cujo substrato geral dialoga com a decolonialidade na busca de incentivar não só o debate, mas também a definição e a construção de caminhos outros que os tempos atuais exigem.

O artigo “Wiphala: comunicaci3n fluyendo

con el viento”, de Adalid Contreras Baspineiro, examina os significados da bandeira multicolorida com a qual os povos do altiplano andino representam sua memória histórica, sua proposta para o futuro e o sentido da rela33o holística que acreditam que deve existir entre a sociedade e a natureza. Para isso, o autor recorre à sociologia da imagem. Sua análise argumenta que a Whipala não é apenas um emblema, mas uma manifesta33o do pensamento filosófico andino que sustenta o projeto de vida comunitária. Sua liga33o com a decolonialidade – embora ele fale mais de descoloniza33o – é estabelecida com base no fato de que essa bandeira constitui um símbolo de reafirma33o de identidade para os povos indígenas e, portanto, também um símbolo de resist33ncia. E, a partir dessa natureza simbólica e de sua correspondente capacidade de representa33o, Contreras conclui que a Whipala é “uma express33o das comunicologias e epistemologias do sul”. Além de apresentar uma revis33o histórica que ancora as origens dessa bandeira nos tempos pré-colombianos, o artigo relaciona seus signos e significados à “humaniza33o da palavra”, orientada para a constru33o da harmonia e da fraternidade.

Em “A Transmetodologia como alternativa epistêmica para diálogo com saberes indígenas tradicionais”, os autores Bryan Chrystian da Costa Araújo e Alberto Efendy Maldonado fundamentam a transmetodologia como a perspectiva necessária para descolonizar os processos de pesquisa em comunica33o, particularmente aqueles centrados na etnocomunica33o. Esta é entendida como uma comunica33o que se apropria e reapropria de ferramentas de mídia para possibilitar a representa33o autônoma dos povos indígenas – de sua exist33ncia particular e como um movimento étnico – e que, em última instância, produz “novos regimes de visibilidade”. Trata-se de uma comunica33o de resist33ncia, alternativa, livre de



estereótipos e que garante acesso a comunidades historicamente excluídas pelos sistemas de mídia convencionais. O artigo questiona o caráter dogmático da “monocultura do conhecimento” colonial que leva à ignorância e à rejeição do conhecimento tradicional indígena, frente ao qual propõe a via transmetodológica, que trabalha com a sinergia de métodos e supera a padronização de procedimentos e problemas, como uma possibilidade de diálogo construtivo entre conhecimentos e, conseqüentemente, como uma alternativa epistêmica.

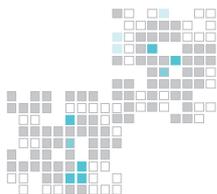
Consuelo Patricia Martínez Lozano e Daniel Solís Domínguez, em seu artigo “Prácticas decoloniales en la radio indigenista: comunalidad y campo de la comunicación”, apresentam a experiência de uma comunicação baseada na comunalidade que é, a partir de sua perspectiva, a realizada pela Radio XEANT, la Voz de las Huastecas, uma das 21 estações de rádio ligadas ao Sistema de Rádios Culturais Indígenas do Instituto Nacional para os Povos Indígenas, do México. Nesse sistema, os produtores e apresentadores, membros de várias comunidades indígenas, desenvolvem uma ação comunicacional descolonizadora que vai além dos limites e propósitos da estrutura estatal que rege o referido sistema. Assim, apontam os autores, a comunalidade fundada na imanência entre pessoas, grupos, terra, território e cosmos gera relações de comunicação diferentes daquelas estabelecidas pelo padrão binário moderno-colonial, uma prática decolonial que dá origem a “uma forma de comunicação de ligação ou comunalidade que é oposta, coexistente e alternativa à comunicação binária”.

Lorena Esteves e Danila Cal, autoras do artigo “Da incomunicação à comunicação decolonial: mulheres indígenas contra invisibilidades e estereótipos”, relatam os processos de resistência decolonial promovidos por mulheres indígenas brasileiras diante das ações cotidianas de

controle de culturas e corpos, de silenciamento e invisibilização incentivadas pelo Estado, vivenciadas por elas e seus povos. Para isso, por meio de análise de discurso e entrevistas, estudaram os sentidos construídos pelas mulheres indígenas sobre esses processos de negação durante a versão 2020 do Acampamento Terra Livre, encontro reflexivo iniciado em 2004 e que, devido à pandemia, em 2020 foi realizado inteiramente no YouTube. O texto reflete não apenas as críticas das mulheres ao silêncio que lhes é imposto e à estigmatização que sofrem, mas também fala de sua consciência e vontade de ocupar espaços, amplificar suas vozes e dar visibilidade às suas lutas.

O artigo “Repensar a “humanidade”: limites de um conceito na imprensa e apontamentos para superar a desumanização”, de Fabiana Moraes e Jorge Ijuim, aborda as contradições discursivas e factuais da imprensa em relação à democracia brasileira. Nesse sentido, examina criticamente o caráter colonial e eurocêntrico que tem sido assumido no contexto jornalístico brasileiro em relação à palavra democracia. Para isso, é feita uma análise do conceito, partindo de 1988, ano da mais recente Carta Magna brasileira, observando seu limitado alcance legal ao longo dos fatos. Posteriormente, aprofunda-se o conceito de humanidade em relação ao exercício do jornalismo e como este influencia a subjetividade social, levando, em muitas ocasiões, à desumanização dos sujeitos (índios, negros, pobres, gays etc.). Assim, acaba por questionar as práticas jornalísticas, repensando seu trabalho ético e político, a fim de promover um processo de reumanização.

Por sua vez, Edgar Patricio, em “Elementos de decolonialidade no jornalismo de olhar periférico sob a dimensão das territorialidades”, aborda as iniciativas jornalísticas a partir de uma perspectiva periférica, identificando como a dimensão territorial marca as pautas decolonizantes a



partir de seu olhar e de sua produção. Para isso, o autor combina de forma criativa a abordagem conceitual e teórica com a transcrição de rodas de conversa para ouvir e dar visibilidade à voz e à reconstrução narrativa direta, mas coletiva, dos atores envolvidos nessas iniciativas. O artigo não apenas analisa essa jornada de acordo com a perspectiva do jornalismo decolonial, mas também coloca várias questões incômodas, mas necessárias, incluindo a que se destaca: *como o jornalismo do olhar periférico propõe a reinvenção da cultura profissional do jornalismo?*

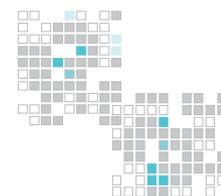
Luan Matheus e Juliana Fernandes, em “Re-existência digital: apropriações e negociações para uma postura decolonial no jornalismo”, abordam o jornalismo digital a partir de uma perspectiva transmetodológica, analisando os conteúdos de portais da web sem renunciar à ‘sensibilidade e aos afetos’ dentro da tarefa metodológica do artigo, resgatando metodologias outras na Comunicação para reconfigurar o próprio artigo como um lugar de re-existência e problematizando, além disso, o conceito de colonialidade e sua relação com a Comunicação. O artigo leva em conta as rupturas implicadas pela apropriação de tecnologias, não no sentido instrumental, mas no potencial caráter emancipatório que isso pode dar a quem o assume. Para dar conta disso, trata especificamente de alguns portais jornalísticos que, na prática, nos permitem vislumbrar que outro tipo de jornalismo é possível.

Em “Media interventions como insurgências midiáticas nos territórios de vulnerabilidade social”, de Cilene Victor, a autora começa esclarecendo conceitualmente a palavra ‘intervenções’ para diferenciá-la de sua histórica conotação negativa no contexto brasileiro. Sobretudo porque situa o conceito em relação à decolonialidade e seu poder combinado de materializar novas formas de resistência, mobilização e insurgência. Outro ponto abordado é o território, aprofundando

sua complexidade categorial, deixando de lado sua expressão geográfica clássica, enfatizando como os indivíduos estão inevitavelmente ligados a ele e como seu “valor” social depende dele. Assim, aponta a autora, a desigualdade social, antes de ser uma desigualdade de renda, é uma desigualdade territorial. Por fim, ela operacionaliza sua matriz analítica por meio de dois estudos de caso que mostram a luta de grupos vulneráveis e vulnerabilizados, sua jornada rumo ao reconhecimento e à visibilidade de suas identidades.

Edmilson Miranda Jr. e David Callahan partem da perspectiva afrofuturista para a analisar, desde a decolonialidade, as histórias em quadrinhos “Contos dos Orixás”, de Hugo Canuto. Para isso, apresentam, logo no início, a potente metodologia em cruço, que ressalta o gesto processual em que as diferentes dimensões da pesquisa e seus contextos se influenciam entre si e, assim, promovem reposicionamentos – dos autores, do objeto de estudo e das referências. Desse modo, os autores buscam caracterizar o processo criativo de Canuto e a forma inovadora com a qual representa as culturas de matriz africana desde outras bases epistêmicas. O artigo “Decolonialidade em Quadrinhos: uma visão Afrofuturista de Contos dos Orixás” finaliza apontando para a importância de análises de obras afrofuturistas como gesto estético decolonizante em diversos contextos.

Em “Comunicação Intermundos: entre a violência e a re-existência, quem fala?”, Luciana de Oliveira e Tiago Barcelos Pereira Salgado propõem um interessante exercício analítico de colocar em diálogo os mundos forjados pela modernidade-colonialidade e o mundo que re-existe diante da violência colonial, identificado pelos autores como o mundo “indígena/afrodiaspórico” (ou afropindorâmicos). Nessa empreitada, os autores pontuam as diferenças epistêmicas entre esses mundos, ao mesmo



tempo que destacam as respostas à pergunta “quem fala?”, apontando para os regimes de silenciamento impostos pela colonialidade e o mundo forjado a partir dela. O trabalho desloca as compreensões usuais e aciona conceitos potentes a partir das epistemes afropindorâmicas, nas quais a comunicação não se restringe à dimensão da ideia do que é “humano” em termos modernos, e se amplia a compreensão para os agenciamentos não humanos, que consideram outras temporalidades, outros diálogos com o ambiente, outras experiências territoriais e simbólicas. Segundo os autores, esse deslocamento é fundamental para enfrentar a lógica colonial.

Lara Timm Cezar e Fábio Hansen também questionam a matriz colonial que predomina no ensino da publicidade, buscando reconhecer possibilidades teórico-práticas de ressignificação das experiências pedagógicas na área. Em “Um percurso cartográfico (re)pensando o ensino de publicidade pela decolonialidade”, os autores utilizam a crítica decolonial para uma revisão das bases teóricas da publicidade, identificando limitações, as ausências, as vozes hegemônicas, e principalmente as formas como essas formas coloniais se consolidam no sistema publicitário. Para isso, os autores utilizam mapas rizomáticos para identificar a configuração atual e as possibilidades de mudanças, e apontam estratégias como a transdisciplinaridade e a incorporação do rizoma na organização curricular, entre outras, como formas de incorporação da decolonialidade no ensino em questão.

Por fim, no artigo “Música, comunicação

e decolonialidade: perspectivas amefricanas de investigação”, Tatiana Rodrigues Lima desenvolve uma potente discussão a partir da categoria “amefricanidade”, proposta pela intelectual brasileira Lélia González e que se refere à experiência comum dos povos africanos na diáspora e dos povos indígenas colonizados, como perspectiva descolonizadora para a pesquisa musical. Para a autora, o exercício de uma cartografia de performances que considere o conhecimento extra-acadêmico, promovendo o cruzamento de teorias do Sul e do Norte Global, pode fomentar metodologias necessárias para a produção de estudos decoloniais que ampliem o fazer científico através da perspectiva decolonial. Tal cruzamento permite a expansão da análise de performances musicais, revisando paradigmas analíticos ao considerar implicações relacionadas a raça, gênero, classe e condições geopolíticas. Ao final, o artigo sugere algumas estratégias, como o foco nas subjetividades e o que as atravessa para a produção de conhecimento pluriversal, a problematização do conhecimento colonial, entre outras.

Em suma, o dossiê que os leitores têm em suas mãos contém uma série de artigos que explicam a relação entre comunicação e decolonialidade a partir de casos concretos ou problematizando diretamente conceitos, metodologias e epistemes associados a diversos espaços e territórios desde e para os quais a voz diversa dos sujeitos ressoa em uma chave reumanizadora, além de repensar e/ou refutar as trajetórias do projeto moderno-colonial.

